

Era uma vez o nariz-de-cera

Cláudio Lysias

Aos 70 anos, idade em que muitos pensam em escrever memórias ou buscar a tranquilidade de uma justa aposentadoria, o jornalista Roberto Pompeu de Sousa Brasil, ou simplesmente Pompeu de Sousa, um cearense da melhor cepa, mergulha de corpo e alma na política, candidatando-se ao Senado pelo PMDB do Distrito Federal. Em Brasília, Pompeu é uma referência obrigatória. Não há ato político contra eventuais arbitrariedades, intenções de censura ou violência pura e simples que não conte com a solidariedade desse senhor de cabelos brancos, muito admirado pelos jovens por suas idéias liberais e seu espírito combativo.

*Criador do **lead** na imprensa brasileira e responsável, no início dos anos 50, quando diretor do **Diário Carioca**, por uma das mais profundas reformulações do jornalismo no País, Pompeu de Sousa não está muito confiante no futuro dos meios de comunicação. “Se os jovens não fizerem outra revolução”, diz, “vão acabar substituídos por um computador de quinta geração”.*

*Em Brasília, Pompeu de Sousa falou à **Revista de Comunicação** sobre jornalismo, reformas, censura e, naturalmente, sobre política, sua maior preocupação desde que deixou a Secretaria de Educação do Governo do Distrito Federal para candidatar-se ao Senado.*

CL - *Como o revolucionário dos anos 50 vê o jornalismo de hoje?*

PS - Há uma padronização absolutamente inaceitável. Tudo é igual. A linguagem é igual, as variações são mínimas. Falta personalidade. Cada matéria deve ter o seu espírito. Não pode ser tudo igual e está tudo igual. É preciso fazer uma reformulação, criar um processo, repensar tudo. Acho que esta na hora de uma nova reforma. A que fiz transformou-se em fórmula e automatizou-se. Se os nossos jovens não tomarem cuidado, quando aparecer por aí um computador de quinta geração, vão dispensar em massa os chamados copidesques e substituí-los por computadores.

CL - *O que o levou a introduzir o lead na imprensa brasileira?*

PS - O lead foi introduzido por mim para substituir o **nariz-de-cera**. Representou uma subversão na técnica redacional. Naquele tempo, a notícia ficava no pé da matéria. A abertura era um comentário, uma opinião, uma mistura de informação, interpretação e tudo mais, menos notícia. Aquilo precisava mudar. Era absolutamente necessária uma reforma. Eu a projetei no carnaval de 1950. Naquela época, chefiava a redação do **Diário Carioca**, que me ocupava muito. No carnaval, como fiquei mais folgado, sentei na máquina e comecei a escrever o que os americanos chamam de **style book**. Meu objetivo era criar ou adaptar para nós a técnica redacional baseada no **copy-desk**. Estabelecer as linhas mestras de uma redação objetiva, com informações objetivas sem nenhum comprometimento com a opinião. Foi então que surgiu o **lead**, logo em seguida o **sublead**, e com eles o **copy-desk**. Batizei o nosso **style book** de **Regras de Redação do Diário Carioca**.

CL - *Foi aí que você começou o seu “viveiro de focas”?*

PS - Foi. Todo jornalista que estava em atividade representava um vício. O vício era exatamente o **nariz-de-cera**. Eu precisava de gente zero quilômetro. Para isso contei com uma pessoa que tinha experiência mas era capaz de uma revisão, de uma subversão. O Luís Paulistano. Grande chefe de reportagem, meu maior chefe de reportagem no **Diário Carioca**. Com a ajuda dele montei meu time de focas e com esse time de focas fiz a reforma.

CL - *Quem fazia parte do time?*

PS - Gente de primeira qualidade. O Armando Nogueira, que hoje dirige o telejornalismo da **Globo** e é um escritor primoroso. Outro que dirige o jornal **O Globo**, que é o Evandro Carlos de Andrade. E mais o Jânio de Freitas e José Ramos Tinhorão (ver o texto "O máximo de notícia no mínimo de espaço" abaixo). E alguns escritores, como o Thiago de Melo, o Ferreira Gullar, o Nilson Lage, que hoje é professor de jornalismo. Meu "viveiro de focas" criou uma verdadeira emulação entre os jovens, que não eram tão mais jovens do que eu, que naquele tempo também era muito jovem. Hoje, eu os considero meus filhos, e eles próprios se consideram meus filhos.

CL - *E como funcionou essa emulação ?*

PS - Todos tinham uma febre de criação muito grande. Todos se sentiam altamente motivados, sobretudo porque eu incentivava a emulação com críticas de toda ordem. Havia também uma verdadeira competição, uma ânsia de perfeccionismo. Naquela época, o **Diário Carioca** era um jornal meio boêmio. Tinha problemas financeiros e o salário atrasava até dois meses. Mas quando você chegava na redação tinha a impressão de que o salário era pago adiantado, tamanho o entusiasmo da rapaziada. a emulação era saudável. Uma competição que não era para suplantarmos ninguém, mas simplesmente para auto-superar-se. A consequência de tudo isso é que a linguagem jornalística adquiriu, na época, uma qualidade de primeira ordem.

CL - *Como você selecionou o pessoal?*

PS - Eu entrevistava cada candidato a redator, a repórter. Via se o "cabra" tinha jeito para coisa. Então pegava um exemplar das Regras e dizia: "Vá pra casa, leia com atenção e volte daqui a dois dias para fazer um teste". Foi assim. Daí para meados de 50 a coisa foi se apurando. Não só a linguagem jornalística adquiriu uma alta qualidade, mas também uma admirável elaboração técnica. A grande preocupação de todos era que a técnica fosse criativa, jamais automatizada.

CL - *Foi então que você criou o novo jornalismo?*

PS - Eu não criei o novo jornalismo. Nem mesmo a técnica do novo jornalismo. O que eu fiz foi um trabalho de adaptação. Uma reforma. Era necessário fazer essa reforma. Todos os jornais eram escritos na base do nariz-de-cera. A notícia começava pela anti-notícia. Era mais um artigo, um editorial. E também não havia capricho com o texto. Cada repórter escrevia sua matéria que ia direto para o chefe de redação, geralmente um homem ocupadíssimo. Ele passava os olhos rapidamente, fazia algumas emendas e mandava para a oficina. Outra coisa eram os títulos, que não eram contados. Eram na base do que desse. E o pior é que não eram informativos, mas simplesmente indicativos. Um rótulo, nada mais que isso. As coisas não podiam continuar daquele jeito, precisavam ser revistas. O problema é que tudo foi feito a toque de caixa, na base da transmissão oral. Quero aproveitar para fazer uma mea culpa. Justamente eu que sou um defensor intransigente da raiz cultural do País e, portanto, da língua, fui o culpado pela introdução nessa língua das palavras **lead**, **copy-desk** e suas variações. Não tive tempo de traduzir. Disse: "Vou fazer o **lead**". E ficou **lead**. Veio em seguida o **sublead**, que é o segundo parágrafo da notícia, que os americanos não têm. A única coisa que traduzi foi **style book**. Na verdade não traduzi, adaptei. Também seria demais...

CL - *E a história da firma que você teve com o Zuenir Ventura e o Joaquim Pedro de Andrade?*

PS - Eu saía de duas decepções. Uma no **Diário Carioca**, outra já em Brasília. A do **Diário** foi quando Jânio renunciou. Eu mandei fazer um editorial sobre a renúncia e a empresa mandou alterar. Aí me demiti. Já em Brasília, depois que saí da Universidade, comecei a acalentar o projeto de não depender mais de empregador. Criei a firma em 1965. Chamava-se Produções e Comunicações de Massa Ltda. Os sócios eram o Zuenir Ventura, o Nelson Rodrigues e o Joaquim Pedro de Andrade. A idéia básica era produzir programas para a TV. Então imaginei uma coisa que a TV Globo criou anos depois: as séries brasileiras. A série de programas que imaginei até hoje não foi feita. As pessoas ligadas com cinema, principalmente os jovens, ficaram entusiasmadas: "É um negócio genial seu Pompeu", diziam. "A produção de um filme, no Brasil, é uma coisa terrivelmente avassaladora, absorvente. O cineasta nunca sabe se dá para fazer o filme seguinte. Aí ele quer dizer tudo naquele filme, que acaba ficando obscuro. É preciso estabelecer a habitualidade da produção. Você vai fazer isso..."

CL - *E por que não deu certo?*

PS - Pelas famosas condições econômicas. As televisões, na época, viviam de enlatados, que chegavam aqui aos montes. Até hoje ainda chegam, o que constitui um crime contra a cultura brasileira. Fiz o projeto, imaginei meia dúzia de séries diferentes, todo mundo estava entusiasmado. Só que na hora de produzir, as tais condições econômicas acenderam o sinal vermelho. A televisão, na época, não tinha cacife para competir com os enlatados ...

CL - *Há uma outra história, a da reforma dos **Diários Associados**, encomendada pelo senador João Calmon. Como é que foi?*

PS - Eu estava sobrevivendo com a indenização paga pela Universidade de Brasília para mascarar a minha demissão, quando o Calmon me chamou para reformular os **Diários Associados**. Aí eu disse que não aceitava mais fazer contrato de trabalho. O que podia era fazer um contrato com a minha empresa.

Um contrato de assessoria e consultoria. Então, eu faria o projeto de reforma, assessoraria a implantação, organizaria e comporia a equipe. O Calmon gostou da idéia. Convidei o Zuenir Ventura, que era meu sócio, para Diretor de Redação. Fiz o projeto. Era um projeto de técnica jornalística para jornal diário. Uma técnica nova, que não chegou a ser implantada.

CL - *Como era o projeto?*

PS - Na época, o Calmon era deputado. O presidente, agora não preciso mais chamar de presidente, o ditador de plantão, era o meu ex-redator Humberto de Alencar Castelo Branco, que trabalhou sob minhas ordens durante a guerra. O Calmon quando viu o projeto ficou entusiasmado. O Chateaubriand também. O projeto era oneroso, os **Diários Associados** teriam que fazer um investimento considerável, inclusive pela contratação de mão-de-obra altamente qualificada. Mesmo assim Calmon autorizou tudo. Chegou a mandar que os Diários Associados contratassem uma firma de planejamento econômico, cujos sócios eram o Rafael de Almeida Magalhães e o Hélio Beltrão. O projeto partia do princípio de que o jornal precisava dar algo mais do que a simples informação objetiva. Para isso, criei uma técnica que chamei de triplíce unidade e síntese integrada. Consistia no seguinte: as informações nas páginas de abertura seriam muito sintéticas, nas páginas internas o leitor teria a matéria desenvolvida, partindo da informação objetiva e chegando à interpretação e até mesmo à opinião. O jornal tinha que interpretar coisa e opinar sobre ela. Uma interpretação em profundidade, que analisasse os antecedentes, os colaterais e possíveis conseqüentes da informação. E uma opinião que fosse lida, porque editorial é coisa que ninguém lê, salvo o redator que o escreveu, para ver se saiu tudo direitinho, e os redatores dos outros jornais, para verem como saiu o editorial do concorrente. A idéia, em suma, era termos na notícia do jornal diário a informação objetiva, a interpretação exaustiva e a opinião realmente opinativa. Tudo certo, aplausos gerais, só que aconteceu o seguinte: o meu ex-redator Humberto de Alencar Castelo Branco chamou o Calmon no Planalto e disse: "Deputado, quero avisá-lo e adverti-lo que os comunistas estão preparando um golpe de maio contra o seu jornal". O Calmon estranhou: "Deve haver um equívoco, presidente, porque quem está fazendo a reforma é o Pompeu de Sousa, que conheço há muitos anos e sei que não é comunista." Aí o Castelo disse, não sei se foi bem assim: "Conheço também há muito tempo, sei que não é comunista mas, estranhamente, depois do episódio da Universidade passou a serviço dos comunistas." Eu já começara a montar a equipe, a entrevistar possíveis candidatos. Correu então que eu ia fazer uma revolução, que estava montando uma redação comunista. Não nego que havia elementos comunistas, mas outros não eram. O mais importante para mim é que todos tinham talento. Diga-se a bem da verdade que o Calmon ainda tentou resistir...

CL - *Parece ironia: Pompeu de Sousa censurado. Você que sempre foi um expoente na luta contra a censura...*

PS - É verdade. Minha luta contra a censura começou em 1943. Tinha acabado de chegar dos Estados Unidos. Passei lá dois anos, durante a guerra. Tenho um grande interesse por todas as manifestações da vida. Sempre gostei de música, literatura, cinema. Nos dois anos que passei nos Estados Unidos descobri o teatro. Minha volta ao Brasil coincidiu com a encenação do "Vestido de Noiva", de Nelson Rodrigues. Fui ver e fiquei deslumbrado. Logo depois, o Nelson começou a produzir a sua chamada "obra maldita". A censura ficou assanhada. E eu entrei na luta para não sair mais.

CL - *Não vamos concluir sem falar do político Pompeu de Sousa. Como é que é?*

PS - Sempre fui ligado à política. Aos 14 anos de idade já fazia parte da Aliança Democrática, que acabou desembocando na Revolução de 30. Sou um dos Fundadores da **UDN** (União Democrática Nacional), uma espécie de frente ampla de todas as correntes políticos-ideológicas que pretendiam derrubar a ditadura. Na UDN fundei a chamada Esquerda Democrática, que tinha como lema socialismo e liberdade de funcionou até 1945, transformando-se, no ano seguinte, no Partido Socialista Brasileiro. Estou há 56 anos no campo da batalha, motivado, muito provavelmente, por uma única idéia, que é a legitimidade dos mandatos populares. Candidato a senador (PMDB) acho, aos 70 anos, que essa é a oportunidade de participar da criação do novo Estado brasileiro. Talvez seja, afinal, a razão de ser da minha vida.

Cláudio Lysias, 39 anos, carioca. Começou em O Sol, em 1967. Trabalhou em O Cruzeiro, Última Hora, Diário de Notícias, Rolling Stone e Opinião. Trabalha no Correio Brasiliense e é correspondente da Revista de Comunicação em Brasília.

"O máximo de notícia no mínimo de espaço"

José Ramos Tinhorão

O que se entende por jornalismo moderno, na parte que se refere ao texto, surgiu no início da década de 1950, no Rio de Janeiro, com um caderninho de 16 páginas intitulado **Regras de Redação do**

Diário Carioca, mais conhecido na intimidade pelo nome que apontava a origem norte-americana das suas reco-mendações: style book.

Estilo, é claro, não se ensina, mas na quarta página do folheto havia uma ordem cuja obediência constitui de fato uma revolução: Usar parágrafos curtos e evitar palavras desnecessárias, qualificativos, principalmente tendenciosos, e frases feitas". Essa recomendação, complementada pelo conselho de "só excepcionalmente usar períodos com mais de quatro linhas datilografadas", constituía uma preocupação tão grande na cabeça dos autores das Regras que, por um cochilo, saiu repetida no folheto duas páginas adiante: "Evitar palavras desnecessárias (especialmente adjetivos) e frases feitas.

Hoje, quando todos os jornais já seguem essa tradição da regra básica do jornalismo americano da resposta aos cinco W - Who? What? When? Where? Why? - essa insistência pode parecer exagerada, mas, em 1950, ela se explicava por vir decretar a morte do mais antigo vício do jornalismo: a prática do **nariz-de-cera**.

Recursos herdado do fato de a maioria dos jornalistas ser recrutada desde o século XIX entre literatos e políticos (que também incursionavam pela literatura), o **nariz-de-cera** constituía uma espécie de preparação do clima para o desencadeamento da notícia propriamente dita. Assim, quando alguém matava alguém, nunca um jornal de velho estilo ia publicar simplesmente, por exemplo, "O pedreiro Benedito dos Santos, de 22 anos, foi morto na noite de ontem com três tiros em um bar da rua tal, ao recusar um copo de cerveja ao marginal conhecido por Toninho Malvadeza". Em um caso como esse, quase sempre a notícia começaria assim: "Ontem, quando ao cair da noite o jovem pedreiro Benedito dos Santos despediu-se dos companheiros de serviço e se encaminhou para o bar próximo de sua residência, onde sempre tomava uma cerveja antes do jantar, estava longe de imaginar o que o destino lhe preparava. De fato, ao chegar ao botequim, já lá estava o conhecido meliante Toninho Malvadeza, temido em todo o bairro por suas provocações e violência". E por aí continuava o **nariz-de-cera**, até possivelmente concluir, no pé da segunda coluna, que "ao ser o corpo do inditoso jovem trasladado para o Instituto Médico Legal, sobre o mármore frio da mesa estava, ainda, a sua última cerveja". As **Regras de Redação do Diário Carioca**, afinal, não se tornaram revolucionárias apenas por acabar com os últimos vestígios do nariz-de-cera.

Em um país de doutores, as novas regras ousavam restringir aos médicos, quando no exercício da função, o título de "dr". E, o que era mais atrevido ainda, não recuavam em despojar dos títulos sequer os militares, estabelecendo com toda a frieza, por exemplo, que a partir daquele momento o Excelentíssimo Senhor Presidente da República, o Eminentíssimo Marechal de Exército Eurico Gaspar Dutra, seria nas páginas do **Diário Carioca** tão-somente o presidente Eurico Dutra.

É claro que tudo isso teve um motivo. E a razão foi econômica: Com a fria objetividade do seu pragmatismo, os norte-americanos haviam descoberto que se gastava chumbo e tinta demais com adjetivos, advérbios de modo e tempos compostos dos verbos. E foi assim que o **Diário Carioca** pôde, afinal, fazer jus ao slogan que inventou para proclamar o seu feito: " O máximo de notícia no mínimo de espaço".

José Ramos Tinhorão, 58 anos, paulista. Faz parte do primeiro copy da imprensa brasileira, no Diário Carioca. Também trabalhou no Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Última Hora, O Jornal e na revista O Cruzeiro. Pesquisador e ilustrador da MPB, tem nove livros publicados, entre os quais "Música Popular Brasileira - da Modinha ao Tropicalismo", já na quinta edição.

Fonte: *Revista de Comunicação*
Páginas: 22, 23, 24 e 25
ano: 1998